

A construção da identidade de mulheres venezuelanas em situação de deslocamento forçado no Brasil.
(*The construction of the identity of Venezuelan women in a situation of forced displacement in Brazil.*)

Valeria Melani Santos Rabelo
rabelovaleria73@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
<https://orcid.org/0000-0003-1525-9405>

Sonia Cristina Reis
sonia.kapps.reis@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Páginas 53-62

Fecha recepción: 10/05/2021

Fecha aceptación: 25/05/2021

Resumo.

Este artigo analisa a construção da identidade de duas mulheres venezuelanas em situação de deslocamento forçado (Hall, 1997), a partir da transcrição das entrevistas realizadas no documentário: *Adelante: A luta das venezuelanas refugiadas no Brasil*. As entrevistadas descrevem o caminho percorrido até a cidade de Boa Vista em Roraima, as circunstâncias que determinaram o deslocamento forçado, o sentimento de pertencimento (Deschamps e Moliner, 2009) da identidade de mulher venezuelana, e o sonho que almejam alcançar em um país estrangeiro. Considerando que as narrativas servem para reafirmar, construir e projetar ideias e projetar certezas (Santos, 2013), o discurso produzido por essas mulheres venezuelanas produziu sentidos na construção dos seus processos identitários no Brasil (Mishler, 2002). A descrição de suas narrativas orais como um dos instrumentos de se constituir individualmente e como grupo, acontecendo reafirmação identitária da mulher venezuelana é o meu objeto de pesquisa.

Palabras-chave: identidade; deslocamento forçado; mulheres venezuelanas refugiadas

Abstract.

This article analyzes the construction of the identity of two Venezuelan women in situations of forced displacement (Hall, 1992), based on the transcription of the interviews carried out in the documentary: *Adelante: The struggle of Venezuelan refugees in Brazil*. The interviewees describe the path taken to the city of Boa Vista in Roraima, the circumstances that determined the forced displacement, the feeling of belonging (Deschamps and Moliner, 2009) of the identity of a Venezuelan woman, and the dream they want to achieve in a foreign country. Considering that narratives



serve to reaffirm, build and project ideas and project certainties, (Santos, 2013) the discourse produced by these Venezuelan women produced meanings in the construction of their identity processes in Brazil (Mishler, 2002). The description of her oral narratives as one of the instruments of constituting herself individually and as a group, taking place the identity affirmation of Venezuelan women is my object of research.

Keywords: identity; forced displacement; refugee venezuelan women

1.-Introdução.

Neste estudo, analiso entrevistas que foram realizadas com mulheres venezuelanas refugiadas. O caminho percorrido por essas mulheres nortearão o objeto de pesquisa, pois quero analisar a construção da identidade de algumas mulheres que estão vivendo esse momento complexo da vida a partir do recorte de entrevistas realizadas com um grupo de venezuelanas que estavam vivendo no abrigo Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES) Cáritas e que participaram do documentário produzido pelo O Globo (2020) intitulado: 'Adelante: A luta das venezuelanas refugiadas no Brasil.'

O vídeo que foi produzido com um grupo de venezuelanas não registrou as perguntas que foram realizadas com as entrevistadas. Decidi então escrever quatro possíveis perguntas que ficaram subtendidas nas falas das entrevistadas e que marcam a trajetória de vida dessas mulheres, que seriam: por que viajar para o Brasil? Como foram os primeiros dias no Brasil? Como está a situação política na Venezuela? Qual é o seu sonho? Decidi analisar as entrevistas de apenas duas mulheres, que apesar de terem profissões, sonhos e perspectivas de vida diferentes, levam consigo uma memória coletiva, mas com suas especificidades. Vivem também o momento de serem mulheres refugiadas em um país estrangeiro.

Este estudo despertou o meu interesse pela situação dessas estrangeiras porque nos últimos anos, o número de pessoas em situação de deslocamento forçado e em processo de imigração vem aumentando em vários lugares do mundo. Alguns fogem de guerras, conflitos políticos, catástrofes naturais ou estão em busca de melhores condições de vida. Saem dos seus países de origem e migram para países que possam oferecer uma oportunidade de sobrevivência e um local mais seguro. No Brasil, existem muitos estrangeiros que chegam a nosso território pedindo refúgio por terem sido forçados a se deslocar, e muitas vezes são acolhidos, pois como afirma Marcondes e Martins:

A prática de conceder asilo em terras estrangeiras a pessoas que fogem de perseguição é uma das características mais antigas da civilização. Encontramos referências em textos escritos há 3.500 anos, durante o florescimento dos grandes impérios do Médio Oriente, como o Hitita, o Babilónico, o Assírio e o Egípcio antigo (2020, p. 2).

Atualmente, temos recebido em território nacional uma quantidade significativa de venezuelanos pedindo refúgio, visto que em seu país de origem sofre com a situação

política, social e econômica, em que famílias inteiras não conseguem se sustentar. De acordo com o site do Governo Federal do Brasil (2021) “trinta e três venezuelanos, em média, entram no Brasil por hora. Aproximadamente, 800 por dia. Uns dias mais, outro dia menos”. Entre esses migrantes, muitas mulheres chegam sozinhas no Brasil, acompanhadas de seus filhos e se deparam com muitos desafios desde o momento que iniciam o processo de migração.

Nas falas que são reproduzidas pelas mulheres venezuelanas é perceptível “a ligação entre si e o grupo” social em que se está inserida. A reafirmação de uma identidade venezuelana é destacada pela expressão *Adelante*, que é declarada pelas duas em momentos diferentes, mas com a perspectiva de legitimar o seu discurso em um processo identitário, ‘porque para conhecer-se se é preciso ser capaz de descrever-se. (Deschamps e Moliner, p. 47), mas vamos explicitar algumas concepções de identidades em algumas áreas do conhecimento para situar essa análise.

2. Identidade.

Na perspectiva da psicologia social, o conceito de identidade é definido por Deschamps e Moliner (2008, p.10) como ‘um fenômeno subjetivo e dinâmico, que resulta de uma dupla constatação tanto de semelhanças quanto de diferenças entre o si próprio, os outros e certos grupos, ou seja:

A identidade social refere-se a um sentimento de semelhança com [alguns] outros, enquanto a identidade pessoal se refere a um sentimento de diferença em relação a esses mesmos outros. E esta distinção entre a identidade pessoal e a social não é efetivamente senão um caso de figura ou imagem da dualidade entre indivíduo coletividade, entre diferenças e semelhanças. (Deschamps e Moliner, 2008, p.14).

O discurso reproduzido pelas mulheres venezuelanas nas entrevistas escolhidas é expressado esse sentimento de semelhança, como uma forma de se sentir parte de uma história, uma memória que enaltece o seu grupo social de origem. Além dessa definição, é interessante que o conceito de identidade também faz parte da reflexão de outras áreas do conhecimento, como a sociologia, que contribuíram para esse estudo. Hall (1997) apresenta uma reflexão sobre a crise de identidade, no mundo pós-moderno com a discussão sobre os sujeitos da sociedade atual:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Essa perda de um “sentido de si”, estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e

cultural quanto de si mesmos- constitui uma 'crise de identidade' para indivíduo. (Hall,1997 p.10)

Hall (1997), antes de fazer maiores discussões sobre a crise das identidades no mundo pós-moderno, descreve três concepções de identidade, com o objetivo de situar o processo que a humanidade construiu em relação a esse conceito ao longo do tempo. De acordo com o autor existe a "identidade do: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno". Essas concepções estão alinhadas com o percurso histórico, além de outros fatores que influenciam na estruturação de percepção do homem consigo mesmo e com o outro. Que são definidas como:

O sujeito do iluminismo estava baseado na concepção de pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo (...). O centro do "eu" era a identidade de uma pessoa (...). A noção de sujeito sociológico (...) era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura- dos mundos que ele/ela habitava. (...)

A identidade é formada na "interação" entre o "eu" e a sociedade. (...) Quanto ao sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": a formada e transformada continuamente em relação às pelas quais somos representados o interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (...) Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrados em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (Hall,1997, p.12).

A situação de uma pessoa em processo de deslocamento forçado ou de migração perpassa por essas questões identitárias. Viver em um país de culturas e histórias diferentes de suas origens, além da falta de domínio da língua local deve produzir situações complexas e que me leva a refletir sobre as circunstâncias que essas mulheres estão construindo suas identidades e o que eles pretendem reafirmar em suas narrativas, pois de acordo com Ricoeur (1991, p.138):

a compreensão do si é uma interpretação; a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, entre outros símbolos e signos uma mediação privilegiada; esse último empréstimo à história tanto quanto à ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se preferirmos, uma ficção histórica, entrecruzando o estilo historiográfico das biografias com o estilo romanesco das autobiografias imaginária. Percebo que as mulheres venezuelanas refugiadas que estão no Brasil e que vivem neste período pós-moderno precisam constituir-se sem um referencial fixo cultural e simbólico e necessitam de um equilíbrio emocional consigo mesma, e de si em relação ao outro, para que o processo de construção identitário aconteça através de suas narrativas, que de acordo com Santos (2013, p..24), são:

(...)A percepção de que as pessoas utilizam a narrativa não apenas para [re]construir eventos passados, mas, entre outros objetivos, para que tais eventos sejam

interpretados de acordo com as representações que desejam. Narramos de forma que as histórias estejam adequadas a determinados objetivos.

As narrativas que foram retiradas do documentário são de Nairobi Martinez de 36 anos e Juling Rodrigues de 54 anos, que foram entrevistadas individualmente e, que moraram, temporariamente, com outras mulheres e crianças, em um Abrigo do Rio de Janeiro. A análise das suas narrativas orais será realizada no tópico seguinte.

2.1.-A análise.

A análise dessa pesquisa parte da premissa de que “entrevista é estudada como um evento interacional em que os participantes utilizam elementos discursivos diversos a fim de criar e manter a interação social (Bastos e Santos, 2013 p. 11), e isso é perceptível durante todo o documentário que registrou a fala dessas mulheres, que estavam vivendo no abrigo PARES Cáritas, como afirmado antes.

De acordo com o documentário, muitas dessas mulheres refugiadas tiveram que percorrer a pé a distância de quase 214 quilômetros entre Pacarima e Boa Vista, visto que buscam melhores condições de vida, tendo em vista que é impossível viver com o salário mínimo venezuelano de 300 mil bolívares, valor decretado em outubro de 2019, que equivale a R\$ 75,00. Os preços das mercadorias são incompatíveis com o salário disponível, uma situação que se estende até hoje, produzindo o deslocamento forçado dessas pessoas que buscam meios de sobrevivência em território brasileiro.

As duas entrevistadas são mulheres que têm filhos, e que assumiram a responsabilidade de criá-los sozinhas. Nairobi Martinez de 36 anos, em sua narrativa informa que fez o percurso da Venezuela até o Brasil grávida de 5 meses, além de caminhar, conseguiu pegar caronas até chegar ao seu destino final. Trouxe os 2 filhos e deixou tudo que tinha para trás, e provavelmente muitos familiares, inclusive o possível pai de seus três filhos.

A segunda mulher venezuelana em situação de deslocamento forçado que teve analisada a entrevista dada, é Juling Rodrigues de 54 anos, cabeleireira, mãe de um jovem que faz uso de remédio anticonvulsivo e que saiu da Venezuela em busca de criar um salão de beleza, ou qualquer coisa que pudesse fazer para conseguir se manter. Em sua fala narra alguns momentos em que andou muito após ter comido pão e banana para aguentar a caminhada.

As duas mulheres venezuelanas apresentam em suas narrativas a “construção de sentidos identitários”. (Bastos e Biar, p. 108), quando realizam uma prática discursiva que retrata a luta feminina em busca de soluções para sua família, reafirmando a força que o universo feminino venezuelano tem em seguir adiante, sem olhar para os problemas ou as dores que ficaram para trás, construindo suas identidades sociais. Os segmentos que serão analisados foram divididos em duas seções. O primeiro com o objetivo de analisar o discurso produzido que legitima a saída da Venezuela e como se percebem como mulheres que se reinventam diante de situações que não podem controlar dentro de uma perspectiva coletiva representada na expressão

Adelante. Anunciando um sentido de pertença ao grupo, que as identifica, ou seja, o processo identitário sociológico que essa expressão representa para mulheres venezuelanas. A segunda seção, analiso o discurso produzido que descreve as consequências das ações políticas em suas vida e como sociedade venezuelana, além da reafirmação identitária serem mulheres que seguem Adelante em busca dos seus sonhos.

A viagem e chegada gestante da Nairobs.
No segmento 1, Nairobs define o que significa ser uma mulher Adelante.

Tabela 1.-Segmento 1

O GLOBO	01	Por que você viajou para o Brasil?
Nairobs	02 03 04 05 06 07	Eu tinha cinco meses e meio de gestação quando deixei a Venezuela. Não consegui os remédios, já não conseguia obstetras (...) Na Venezuela a maioria dos profissionais emigraram e meu parto seria <u>cesária</u> . Me dava medo, porque já havia passado muito tempo e a maioria das gestantes que estão esperando para fazer uma Cesárea ou morrem elas, ou morre o bebê.
O GLOBO	08	Como foram os primeiros dias no Brasil?
Nairoby	09 10 11 13 12	Com a barriga, não podia dormir no chão. Eu não dormia, e Boa Vista nessa época já estava na temporada de chuvas(.) e assim ficamos mais tempo acordadas do que <u>dormindo</u> . <u>Sou echapalante</u> . Só pelo fato de eu estar sozinha com os meus três filhos. Pois eu estou sozinha. Eu sempre sigo adiante.

Fonte: O Globo (2020).

No início da entrevista, Nairobs especifica o período da gestação em que decidiu sair da Venezuela e viajar até o Brasil de carona em carona, indicando a fragilidade que a gestação de uma criança representa simbolicamente para a sociedade, como o sentido de força feminina para enfrentar uma viagem longa até o Brasil. Também tem consciência do risco que isso representa para ela e para o bebê, mas tem argumentos que expõem a realidade dura de outras venezuelanas que morreram ou perderam seus bebês por falta de assistência médica qualificada. Entre o medo de ficar e o medo de ir embora, escolheu ir embora, em busca de algo novo, com uma possibilidade de ser assistida.

Nairobs relata a dificuldade de dormir grávida no chão em Boa Vista, mas logo ao se definir ("Sou echapalante") ela usa essa expressão que é uma referencia a sua identidade de mulher venezuelana, que sempre segue adiante e não olha para trás. Sinaliza que ("só pelo fato de eu estar sozinha com os meus três filhos") produz o sentido de ser uma mulher forte e corajosa, reafirmando a sua história de luta.

No segmento 2, Nairoby fala sobre a sua luta de cuidar da sua família que foi dividida.

Tabela 2.-Segmento 2

O GLOBO	12	Como está a situação política da Venezuela?
Nairobí	13 14	O governo Maduro é um governo que separa todas as famílias da Venezuela. Todas as famílias estão separadas neste momento. Todas.
O GLOBO	15	Qual é o seu sonho?
Nairobí	16 17 18 19	Queria que meus filhos tivessem um futuro melhor. Estudo que eles realizem seus sonhos. Por eles eu mudei minha vida totalmente. Por eles eu lutava na Venezuela. Lutava, estudava, me sacrificava, não dormia. Mas eu sabia que tinha que dar um futuro melhor pra eles.

Fonte: O Globo (2020)

Nairobí não apresenta em seu discurso uma neutralidade ou aceitação das consequências políticas que o governo Maduro faz com a sociedade venezuelana, quando afirma (“o governo Maduro é um governo que separa todas as famílias da Venezuela”). A afirmação de que o governo Maduro causa a separação de sua família reforça uma identidade de uma mulher que tem força e opinião em relação as questões sociais, políticas e econômicas de seu país.

Ao falar dos seus sonhos produz um discurso de mulher que luta para que os filhos tenham uma vida melhor. Entende que luta, estudo e sacrifícios produzem um futuro melhor para os seus filhos. Acha normal para uma mãe a situação de mudar totalmente a vida por causa dos filhos. Construindo para os ouvintes sentidos de força, coragem e um certo tipo de heroísmo.

No segmento 3 vamos entender o motivo do deslocamento de Juling e sua identificação como mulher 'lante'.

Tabela 3.-Segmento 3

3º Segmento		
O GLOBO	1	Por que você viajou para o Brasil?
Juling	2 3 4 5 6 7 8	(...) eu tinha meu próprio negócio que era o salão de beleza. Eu tinha duas pessoas como sócias. (...), uma das pessoas morreu por falta de medicamento(...). E a morte dela me fez pensar que, já que ela passou por isso, alguém da minha família pode passar. Porque eu tenho meu filho maior teve um acidente há doze anos. Ele tem nove operações na cabeça. E a partir desse acidente ele teve sequelas em forma de convulsões e não se consegue anticonvulsivos.
O GLOBO	9	Como foram os primeiros dias no Brasil?
Juling	10 11 12 13 14 15	Em um quarto pequeno, dormíamos doze pessoas. Doze. Todos no chão entre crianças e adultos(...). Andava, andava, andava muito. Meus pés criaram bolhas(...). Caminhei muito procurando um salão ou qualquer coisa. (...) Sabe o que é uma mulher sozinha tomar a decisão de ir a um país que não é o seu? É tremendo, acredito se algo grande. Nós, mulheres venezuelanas, somos mulheres guerreiras, como falamos na Venezuela. Nós somos mulheres <u>echapa' lante</u> .

Fonte: O Globo (2020)

Juling é uma mulher de 54 anos e começa a sua narrativa oral especificando que (“eu tinha meu próprio negócio que era o salão de beleza”), ou seja, ela não era uma mulher sem autonomia financeira. Tinha um negócio, reafirmando o discurso de que a mulher venezuelana tem um caráter de quem luta pelos seus objetivos.

A motivação de sair da Venezuela foi a possibilidade do seu filho morrer por falta de medicação. Não foi um motivo fútil, nem uma escolha, mas uma necessidade que a situação política e econômica do país criou para o povo venezuelano. Ela diz aos seus ouvintes o quanto é uma mãe e cidadã responsável, mas o momento em que ocorre o processo identitário de mulher venezuelana que faz parte de um grupo cultural e específico é a afirmação de que (“nós, mulheres venezuelanas, somos mulheres guerreiras, como falamos na Venezuela. Nós somos mulheres echapa' lante”). Esse discurso anuncia um sentimento de pertencimento a Venezuela, simboliza força tanto na perspectiva individual como coletiva.

Juling descreve a situação da Venezuela e a saudade de sua juventude.

Tabela 4.-Segmento 4

O GLOBO	17	Como está a situação política na Venezuela?
Juling	18 19 20	Lamentavelmente vai haver muita morte, muito sangue. Lá está tudo muito feio. Quem manda é o narcotráfico. Lá não manda o Maduro, não. Lá mandam as pessoas dos cartéis.
O GLOBO	21	Qual é o seu sonho?
Juling	22 23	Se eu estivesse mais jovem, com a maturidade que tenho agora, eu dominaria o mundo!

Fonte: O Globo (2020)

Juling apresenta em sua fala e projeta um eu com um discurso corajoso, pois dar ao poder paralelo o papel de controle da Venezuela, não usa de meio termo ao falar claramente sobre o que pensa e provavelmente viu em seus pais de origem. Lamenta a situação das pessoas que ficaram na Venezuela porque sabe que muitas pessoas podem ser vítimas dos que lideram o país. Conta a história da Venezuela com a perspectiva de uma cidadã comum.

Quando fala da sua juventude que se foi e da maturidade que ganhou reafirma o discurso de mulher Adelante porque seguiria em frente na busca de outros territórios e criaria seus domínios. Relembra seu passado com certa perspectiva de possível futuro, mesmo que simbolicamente projeta para seus ouvintes o seu empoderamento feminino. Como afirma Mishler (2002, p.111):

Uma compreensão mais adequada de como mudamos no decorrer de nossas vidas requer uma concepção relacional de identidade, uma concepção que coloque o processo recorrente de re-historiação de nossas vidas no fluxo de contradições e tensões dos diversos mundos sociais nos quais simultaneamente somos atores e respondemos as ações dos outros.

As duas mulheres venezuelanas sabem que estão em uma situação de refugiadas, mas não direcionam suas falas para esse momento, promovem as características de força, luta, coragem e independência financeira. Assumem suas responsabilidades de mães e se reportam ao discurso de mulher Adelante para demonstrar que são capazes de construir novas histórias, sem perder a identidade de mulher venezuelana que segue sempre adiante.

5.-Conclusão.

Ao analisar as narrativas orais reproduzidas nessas entrevistas que foram realizadas com as mulheres venezuelanas refugiadas no Brasil, é perceptível o processo de construção identitária em seus discursos que são reforçados individualmente e em grupo. Identificam-se como mulheres pertencentes a um grupo com atitudes específicas de sua cultura. Identifica-se um questionamento em relação a política adotada em seu país de origem e as consequências ruins para todas as famílias da Venezuela. Não foi uma escolha tornar-se uma refugiada, narram os momentos ruins, mas não deixam de sonhar e criar possibilidades de uma vida melhor para si e seus filhos. O momento do ponto de virada das narrativas dessas mulheres entrevistadas é o pretexto para posteriormente ocorrer a partida da Venezuela, pois cada uma delas tem um limite que determina a hora de sair daquela situação de crise política, econômica e humanitária. De acordo com Mishler (2002), descreve como o "ponto de virada" como:

O processo de re-historiação, que tanto marca quando resulta desses incidentes importantes que são os pontos de virada, que constitui uma característica geral das múltiplas identidades, cada uma arraigada a um conjunto diferente de relações que formam a matriz de nossas vidas. Cada um dos nossos eu parciais é um personagem em uma história diferente, no qual somos posicionados de modos

diferentes em nossas relações com os outros, que constituem nossos diversos mundos sociais. (Mishler, 2002, p.110).

A expressão “Adelante” ressignificam suas identidades diante dos ouvintes, porque elas produzem sentidos de resistência, movimento em busca de coisas positivas. Reafirmam os simbolismos produzidos pelo grupo social de origem, influenciando e criando outra percepção da mulher venezuelana.

6.-Referências.

- O Globo (2020, 20 de junho). *Adelante: A luta das venezuelanas refugiadas no Brasil*. [vídeo]. You tube. <https://globo.globo.com/celina/adelante-documentario-acompanha-luta-das-mulheres-venezuelanas-refugiadas-no-brasil-24289958>.
- Bastos, L. C. e BIAR, L. de A. (2015). Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, 31-especial, 97-126. <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>
- Bastos, L. C. e SANTOS, W. S. dos. (2013). *A entrevista na Pesquisa Qualitativa – Perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ.
- Deschamps, J. e Moliner, P. (2009). *A identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais*. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, [Coleção Psicologia Social].
- Governo Federal do Brasil. (2021). *Especial venezuelanos*. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/especial-venezuelanos>. Acesso em 20 de março de 2021.
- Hall, S. (1997). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9 ed. Rio de Janeiro: DPeA.
- Mishler, E. G. (2002). Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: Moita Lopes, L. P. da e Bastos, L. C. (Orgs.). *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, CNPq.
- Ricoeur, P. (1991). *O si-mesmo como um todo*. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus.
- Santos, W. S. dos. (2013). Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativista com narrativas. In: Bastos, L. C., Santos, W. S. dos. *A entrevista na Pesquisa Qualitativa – Perspectivas em análise da narrativa e da interação*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, p.21-35.

